

Medicina Sagrada dos Povos Indígenas: Características culturais e efeitos medicinais do rapé

Thaís Kauany Goulart Portella
Ana Carolina Lopes Venâncio
Francine Rocha
Norma da Luz Ferrarini

Resumo: Objetivou-se entender a riqueza farmacológica, cultural e ancestral presente nas práticas medicinais sagradas dos povos indígenas por meio do estudo do Rapé. Nas práticas medicinais indígenas o uso das plantas não ocorre de maneira irrefletida, mas por meio do conhecimento de suas propriedades, preparações, doses e efeitos. Esta pesquisa focou as características etnobotânicas do Rapé, relacionando-as com aspectos de seus usos empíricos e culturais. O método foi revisão bibliográfica e incorporou auto etnograficamente a cosmovisão da autora principal. Resultados indicam a necessidade de valorização dos conhecimentos ancestrais e de descolonização do conhecimento científico, compreendendo que os saberes tradicionais indígenas possuem valor científico que ultrapassa hierarquias que colocam a epistemologia ocidental em um patamar superior às demais. A medicina nativa integra corpo, a mente e o espírito, não apenas enfatizando questões fisiológicas/biológicas para cura física. Ademais, constatou-se que as finalidades e composição do Rapé variam dentre etnias e regiões brasileiras, por conta da pluriétnica e biodiversidade. Conclui-se que a popularização dos princípios ativos presentes em plantas usadas no Rapé e seus efeitos de alteração sensorial, tornam seu uso recreativo junto a grupos não indígenas, o que, além de ser nocivo à saúde, desconsidera seu uso medicinal nas culturas indígenas.

Palavras-chave: Medicina Indígena; Rapé; Cultura Indígena.

Introdução

Esta pesquisa, desenvolvida desde o ano de 2022, quando experiências no âmbito acadêmico e vivências pessoais da autora principal, estudante indígena da etnia Guarani Nhandewa, da aldeia Laranjinha (Tekoa Narã'i), despertaram seu interesse sobre a coexistência dos saberes medicinais, científicos, tradicionais, culturais, ancestrais, ou muitos outros que apontam a imensidão e riqueza da epistemologia em suas diversas faces, foi finalizada no presente ano. Cursando Medicina, a autora principal, inspirada pela riqueza dos saberes ancestrais de seu povo, decidiu estudar a Medicina sagrada dos povos indígenas, abordando as características culturais e efeitos medicinais do RAPÉ. Passei a realizar pesquisas bibliográficas mais aprofundadas sobre a temática e criar maior embasamento teórico, além de auto etnograficamente incluir minha cosmovisão como estudante guarani estudante da área da saúde.

A partir da constatação de que há, no meio acadêmico, uma hierarquia científica eurocêntrica/ocidental na maioria das bibliografias, ensinamentos e condutas da área da saúde foi instigada a buscar subsídios para demonstrar a riqueza dos conhecimentos do seu povo. Considerando-se a medicina tradicional com enfoque predominantemente (ou dominantemente) no corpo físico e aspectos biológicos/fisiológico do ser humano, entendendo o processo de saúde e cura como algo horizontal e sistemático, situação que

desconsidera diversas outras dimensões do humano, tais como: diversidade cultural, regional, crenças, espiritualidade, e demais aspectos que influenciam diretamente na saúde e bem-estar de um indivíduo ou comunidade, fatores considerados pela medicina praticada pelos indígenas.

O objetivo da pesquisa foi enfatizar a riqueza dos conhecimentos científicos e tradicionais dos povos originários, além da valorização dos saberes e heranças ancestrais de suas plantas e medicina sagrada, em especial o Rapé, de modo a buscar uma interlocução entre ambos os saberes e suas relevâncias para o diálogo entre uma antropologia da ciência e etnologia indígena. O Rapé constitui-se num pó fino composto por tabaco e plantas secas trituradas que é soprado nas narinas através de tubos ocos, frequentemente utilizado em rituais de cura do corpo, mente e espírito há séculos por diversos povos indígenas das Américas. Dentre os povos brasileiros, tais conhecimentos são repassados entre as gerações via oralidade há séculos através dos anciões, guardiões desses saberes tradicionais. Para tanto, é necessário compreender que os saberes tradicionais indígenas possuem valor científico que ultrapassa hierarquias que colocam a epistemologia ocidental em um patamar superior às demais, abrangendo os processos de saúde-doença-cura como a integração entre o corpo, a mente e o espírito, não restringindo tais processos apenas a questões fisiológicas/biológicas e à cura física.

Como objetivos específicos foi realizado um levantamento da heterogeneidade nos usos e propósitos do Rapé dentre diferentes etnias, considerando a pluriethnicidade e biodiversidade presentes em nosso país, discutindo sobre epistemologias indígenas e ocidentais. Na investigação foram realizadas correlações históricas que popularizaram o uso de tais propriedades sagradas/medicinais por não-indígenas, investigando qual intuito do uso do rapé e seu simbolismo e significado. A pesquisa contou com apoio, nas suas discussões e adequações no percurso investigativo, do grupo do projeto MediAção, grupo cujo objetivo é oferecer uma rede de apoio mútuo entre estudantes indígenas visando contribuir com o seu desenvolvimento e amadurecimento pessoal, acadêmico e com seu futuro profissional. O texto primeiramente apresenta a revisão de literatura, na sequência o método, em seguida os resultados e a discussão, com aporte da psicologia histórico-cultural e, finalmente, traz as considerações finais.

Destacamos que esta investigação esteve vinculada à pesquisa guarda-chuva “Subjetividade, aprendizagem participativa criativa e mediação entre graduandos e graduados indígenas e não-indígenas e questões étnico-raciais, sociais e interculturais” - CAAE 42702621.2.0000.0102, apesar de seu caráter documental.

Revisão de Literatura

O rapé é um recurso da medicina tradicional em forma de pó, para ser utilizado nas vias nasais através do sopro e inspiração nasal. A aplicação deve ocorrer nas duas narinas e pode ser realizada através do kuripe (auto aplicador), com uma das extremidades inserida na narina e outra na boca; ou via tepi/tipi (aplicador duplo) onde uma pessoa insere na narina e outra assopra.

[...] Em sua composição, usualmente, o rapé é feito de folhas secas de tabaco (*Nicotiana spp.*) que são moídas até formar um pó muito fino, podendo ser misturado a raízes, cascas ou sementes de plantas, dependendo do efeito esperado do rapé produzido. Na maioria dos casos o efeito está relacionado a uma ação fitoterápica, aumento do vigor físico, purificação do corpo e do “espírito” ou comunicação com um mundo metafísico. (SANTOS; SOARES 2015 Apud FARIA, p. 22, 2016).

De acordo com Meneses (2018), quando uma pessoa recebe o sopro ou ela mesmo se aplica, ela deve suspender por um momento a inspiração nasal, mantendo a respiração pela boca. Da mesma forma não pode engolir o resíduo do rapé, mas cuspi-lo após algum tempo. É importante ressaltar que na cultura indígena o pó utilizado no rapé é “rezado/consagrado” para então ser utilizado como medicina, apresentando simbolismo, crença e respeito pelas medicinas da floresta e herança ancestral. Não existe uma receita universal do rapé, a mistura varia de acordo com a região e diversidade cultural de cada etnia. Ou seja, cada povo terá suas próprias características impressas nessa mistura de ervas, sua própria singularidade, que varia também de acordo com a necessidade/intuito do usuário ou comunidade que fará o uso da medicina. É importante ressaltar que apesar dessa heterogeneidade de composição/preparo, seus usos costumam ocorrer com propósitos semelhantes dentre os povos originários, sendo estes frequentemente relacionados à limpeza seja ela física, por meio da excreção do muco, emese, evacuação, ou espiritual profunda, através de descarrego, alinhamento, conexão com a ancestralidade e natureza, energia de força, centramento, defesa contra maus espíritos, sabedoria, etc. E há também diversidade de tipos de sopro:

Para os Huni Kuĩ (Kaxinawá, Acre), há diferentes tipos de sopro: os mais comuns são o sopro da jiboia, longo e suave, usado para cura; o sopro do beija-flor, mais ligeiro (para despertar o corpo); o sopro do veado, forte, rápido e curto; o sopro do gavião, ainda mais prolongado. Em outra forma de classificação, há o que chamam de sopro caminho do sonho, para a pessoa dormir tranquila e ter bons sonhos, e, ainda, um sopro para limpeza, mais forte, próprio para a pessoa vomitar, chorar e/ou defecar. (MENESES, 2018, p. 235)

Entre muitas etnias os preparos e conhecimentos das substâncias costumam pertencer aos pajés e anciões, que guardam tal saber e compartilham com as novas

gerações de acordo com os chamados ancestrais. No entanto, é relevante destacar novamente que a cultura é dinâmica, sendo assim em outras etnias o uso do rapé não ocorre apenas por meio dos anciões ou pajés, podendo estar ligado a um resgate cultural e ancestral, que também implica na importância vital das medicinas nos movimentos de preservação da cultura dos povos indígenas. Meneses (2018, p. 252) citando Romina, antropóloga e frequentadora dos rituais traz a seguinte reflexão:

[...] Eu vejo que o povo Huni kuĩ, através do uso da medicina sagrada, conseguiram e estão conseguindo fazer esse resgate de cultura. Que a medicina tem um papel fundamental hoje, faz parte de manter a cultura viva. Que poderia ter sido completamente degradada pela escravidão, pelo álcool, pela entrada [...] do português [língua] [...]. Então é um movimento da medicina muito importante nesse momento. [...] Falar de cultura é complicado. Porque a cultura se transforma. Então você não tem como falar da cultura ali muito paralisada. [...] A cultura está em transformação o tempo todo, assim como a natureza.

Meneses (2018) cita Romina quando a autora problematiza a relação dos indígenas com a cidade, referindo haver malefícios pela degradação do meio ambiente para que haja um suposto desenvolvimento, com tal visão utilitária dos espaços e natureza afetando o modo de vida dos povos indígenas e conseqüentemente sua cultura.

[...] a degradação do meio ambiente (atribuída aos nawá²) implicaria uma transformação do modo de vida dos índios – transformação esta que envolve, em muitos casos, a adoção de práticas e costumes antes a eles estranhos. Seria isso uma forma de colonização sorrateira ou uma saída possível, já que a destruição seria iminente?. (MENESES, p. 252, 2018).

Um dos princípios ativos utilizados na preparação do rapé é a erva artemísia, para a medicina tradicional a erva é associada a propriedades analgésicas, antiespasmódicas e expectorantes, já para os povos indígenas a erva é conhecida como planta lunar que estabelece uma conexão maior com a intuição, com o inconsciente e com os sonhos. Para alguns povos originários o sonho não se caracteriza somente como uma atividade onírica e mental que ocorre durante o sono, mas sim, como um instrumento de comunicação entre os seres humanos e o mundo espiritual. Segundo Ailton Krenak (2017, p. 33), líder indígena, filósofo e ambientalista, os sonhos são “como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que têm no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida”. Desta forma, na cosmovisão indígena, os sonhos podem revelar fontes de cura relacionadas às ervas e às práticas ritualísticas para o tratamento de doenças físicas, emocionais e espirituais. Na cultura Guarani os sonhos representam conexão com a ancestralidade, com o mundo espiritual e alinhamento físico/mental.

No contexto cultural dos povos originários, há uma relação física entre o corpo, o espírito e a natureza, sendo todos simultaneamente indispensáveis para a saúde e o bem-estar. Deste modo, o ser humano não pode estar com saúde se a natureza está doente, com seus rios poluídos, animais fracos ou extintos, desmatamento, entre outros. Nesse contexto, se aplica o termo “Nhandereko”, que significa modo de vida guarani, segundo Eloy Jacintho (2021) liderança indígena no Paraná da etnia Guarani Nhandewa. Meneses (2018) expõe que a harmonia entre a relação dos indígenas e a natureza é essencial:

[...] Os índios, quando eles mostram esse contato com a natureza, eles também mostram que a natureza não está abaixo da gente. Que é uma coisa que a Igreja Católica e muita gente veio cortando isso da gente, onde a gente acha que é mais do que a natureza. E os índios vêm mostrar para nós justamente o contrário. Então isso também é uma cura, que é quando a gente começa a olhar para uma árvore de um jeito diferente.[...] Para eles, eles são a natureza. (MENESES, p.254, 2018; citando Carou frequentadora dos rituais Huni Kuĩ)

Meneses (2018) explicita que para os Huni Kuĩ não há uma separação entre o que seja uma doença física, mental, emocional ou espiritual. Entende-se que os corpos (visíveis e invisíveis) estão conectados e não divididos. A ideia de cura, assim, não está restrita às fronteiras implícitas no conceito de indivíduo.

[...] Fora as plantas, hoje há um uso expandido do termo medicina que abarca a água, o ar, o canto de um pássaro, uma fogueira, o sol ou a lua. Todos estes podem vir a ser medicinas. Com a circulação entre “floresta” e “cidade”, os modos de uso das medicinas têm sido profundamente transformados. (MENESES, p.239, 2018).

Meneses afirma ainda que tais ideologias nos permitem pensar em cura não só de uma pessoa, mas sim de uma coletividade ou comunidade, uma vez que o desequilíbrio de uma pessoa não seria somente dela, mas de um coletivo ou até mesmo de todos. Além disso, discute sobre uma “doença social”, em que o individualismo está intrinsecamente relacionado ao modo de vida do ser humano nas grandes cidades, estando todos tão perto (como vizinhos de prédio) e ao mesmo tempo tão longes ao ponto de nem sequer se cumprimentarem; E como o modo de vida indígena e suas medicinas caminham pelo lado oposto, em prol da comunidade e coletividade, cita Lindemann, frequentadora dos rituais Huni Kuĩ:

Eu vejo que a nossa sociedade está doente. [...] indícios que eu vejo, por exemplo, são os prédios. E os vizinhos, que normalmente você nem conhece. E aí evita encontrar no elevador porque você não quer dar nem bom dia. Isso para mim é uma coisa muito estranha. Tem uma fala de uma índia [...], ela nunca tinha visto prédio, e ela disse assim: “Devem gostar muito um do outro, moram tão pertinho...” E é justamente o contrário que acontece, as pessoas mal se falam. [...], Então eu vejo alguns indícios de uma sociedade doente e que a medicina traz clareza. E a partir

dessa clareza você pode fazer alguma coisa, porque antes estava muito inconsciente. (MENESES, p.239, 2018).

Segundo Faria (2018) em revisão etnobotânica sobre o rapé usado por povos indígenas do Brasil, além do tabaco, determinados tipos de rapé utilizam sementes trituradas de *Anadenanthera peregrina* ou *Anadenanthera colubrina* que possuem a bufotenina (5-OH-dimetiltriptamina) a N,N-dimetiltriptamina (N,NDMT) e a 5-metoxi-dimetiltriptamina (5-MeODMT) ou raspas da casca de *Virola* spp., que contém a molécula N,N-dimetiltriptamina (DMT). Estes alcalóides psicoativos apresentam como efeito estados alterados de consciência, geralmente relacionados a visões e vozes de mundos e seres metafísicos que trazem conselhos e iluminação ao usuário (CARNEIRO, 2004).

A substância N,N-dimetiltriptamina (DMT) atua como um alucinógeno serotoninérgico natural, agindo de forma agonista não seletiva nos receptores da serotonina 5-HT_{1A} / 5-HT_{2A-R}, causando oscilações na atividade do córtex pré-frontal que resultam em efeitos visuais, somatossensoriais e auditivos (RIGA et al., 2016). O 5- MeO-DMT é um agonista não seletivo do receptor de 5- hidroxitriptamina (5-HT) que atua sobre os receptores 5-HT_{1A}, 5-HT_{2A} e 5-HT_{2C} com efeitos análogos ao DMT (JIANG, 2015, citado por FARIA; p. 25, 2018)

A análise da biodiversidade vegetal utilizada por diversas etnias indígenas brasileiras representa sob o ponto de vista etnobotânico, uma ferramenta de registro e manutenção de um conhecimento tradicional de importância terapêutica, cultural e histórica que necessitam ser preservadas (SCHEFF; MING; ARAÚJO, 1999).

[...] O tabaco pertencia a uma classe de plantas consideradas sagradas e sua utilização se restringia aos pajés. A banalização do consumo de fumo por jovens e outros membros da sociedade indígena ocorreu justamente por influência dos brancos, que assimilaram a forma de utilizá-lo divulgando, e “profanando” a prática considerada sagrada nas comunidades indígenas. (WASSÉN, 1993. citado por FARIA; p. 20, 2018).

Sobre as propriedades de alteração sensorial ou psicoativas presentes em algumas das plantas utilizadas, Faria (2018) afirma que a ação terapêutica e espiritual do rapé está inserido num contexto ritualístico e cultural para todos os povos indígenas das diversas etnias abordadas em sua pesquisa, e, “pode ser para efeitos físicos/fisiológicos imediatos, como pode ser para abrir os caminhos e ampliar a espiritualidade” (FARIA, 2018, p. 56). Os efeitos do rapé dependem do volume e da formulação, causando um aumento da sensibilidade para cores e o contato com entidades (cf. FARIA, 2018). O autor também aborda as diferenças entre o uso da medicina em diferentes etnias, citando exemplos onde apenas homens podem fazer o uso; apenas pajés entre 50-60 anos o utilizam; ambos os sexos fazem uso a partir da adolescência; e demais variações, dependendo da identidade cultural e crenças de cada povo e etnia. Como conclusão de sua pesquisa, Faria (2018)

apontou os riscos da banalização da cultura indígena decorrente da popularização dos efeitos de alteração sensorial de algumas das plantas utilizadas, e, sua apropriação pelos não-indígenas - que muitas vezes utilizam tal medicina de maneira demasiada, sem simbolismo ou quaisquer intuito ritualístico:

Nota-se a necessidade de estudos aprofundados acerca do tema, antes que sua essência seja alterada pela banalização desta prática considerada sagrada para diversas etnias. A popularização deste hábito e as modificações decorrentes de sua incorporação em outras comunidades humanas podem alterar as formulações, o modo de preparo e principalmente o aspecto ritualístico, responsável por dar sentido à prática. As plantas utilizadas na fabricação do rapé certamente são de interesse farmacológico e, portanto, vale ressaltar o cuidado ao se estudar este recurso, respeitando a cultura e as tradições e servindo como ferramenta de preservação do conhecimento tradicional, para que o sentido do rapé prevaleça sobre interesses econômicos e que a troca de informações seja benéfica para a saúde mental e física das pessoas, contribuindo para a preservação da cultura indígena e da biodiversidade. (FARIA, p.62. 2018).

E, diante dessa recomendação, nos interessa evidenciar a diversidade de usos e a visão holística da medicina sagrada, para valorizar os conhecimentos ancestrais e dar visibilidade a eles numa sociedade cartesiana que adotou modelo eurocêntrico nos seus modos de viver desconsiderando a diversidade local e toda a sua riqueza conceitual, ética e estética. A seguir, apresentamos o método.

Método

A metodologia parte de revisão bibliográfica em bases de dados, a saber: “Scielo”, repositórios institucionais com trabalhos acadêmicos relevantes ao tema (TCCs, dissertações, teses, artigos). O objetivo da busca foi incorporar à pesquisa a cosmovisão da autora principal como indígena guarani acadêmica de medicina, buscando a interlocução entre as propriedades medicinais e ancestrais relacionadas com as práticas.

Num primeiro momento foram utilizados os descritores “rapé indígena”, “medicina indígena”, “cultura rapé”, e posteriormente selecionadas pesquisas que dialogassem com o tema de investigação aqui proposto, por meio de uma seleção primária onde foi considerado título e resumo e depois realizando-se a leitura completa das obras selecionadas. Da mesma, a autoetnografia da autora principal conduziu as investigações e análises de forma a entrelaçar a teoria a vida. Na sequência, apresentam-se e discutem-se os dados coletados.

Resultados e discussão com embasamento da psicologia histórico-cultural

Nas práticas medicinais indígenas o uso das plantas não ocorre de maneira irrefletida, e sim através do conhecimento de suas propriedades, preparações, doses e efeitos. Ademais, os benefícios medicinais não abrangem somente os campos físicos, mas englobam, igualmente, os campos energéticos, espirituais e emocionais, especificamente aqui referentes ao uso do rapé para os povos originários. Todavia, reiteramos que a medicina indígena, sagrada, possui uma cosmovisão onde se parte de um entendimento ampliado das relações entre saúde e doença que decorre em práticas diferenciadas da medicina tradicional nos processos de tratamento e cura, onde não se trata as doenças e sintomas somente, mas se busca uma visão de totalidade da pessoa, para poder particularizar seu cuidado.

A teoria histórico-cultural é rico arcabouço teórico para compreender o processo de saúde e doença, pois considera os sujeitos como seres sociais e históricos e em constante relação com a cultura circundante, entendendo que as representações de doença e cura estão entrelaçadas aos modos de ser e viver de cada comunidade, diante de seus recursos materiais, humanos, objetivos e subjetivos. Assim, destaca que a relação saúde doença sofre influências diretas e indiretas, subjetivas e objetivas, no processo de representação da doença em si e da busca de tratamento e cura. Neste sentido, Vygotsky (1991, 1993, 1995, 1997) enfatiza que o contexto cultural e histórico interfere na formação do ser humano, com as práticas desenvolvidas em saúde sendo fortemente interligadas às práticas culturais de cada grupo humano, em sua singularidade, perspectiva que se coaduna com os modos de ser e viver dos indígenas, pois estes tem seus ritos e rituais de cura presentes nos tratamentos de saúde, ainda que façam uso da medicina tradicional, tem o claro posicionamento de celebrar os saberes ancestrais e a sabedoria de seus pajés e kujás.

Nesta mesma linha de pensamento, Mori e González Rey (2012, p. 140) expõem que concebem a noção de saúde como constituída “pelo social, assim como pelas diferentes necessidades e pelos processos individuais que estão organizados nessa experiência”, entendendo que o “adoecimento também é demarcado pelo social, não apenas um processo individual”, perspectiva que se coaduna com a psicologia histórico-cultural que “privilegia uma visão que integra os aspectos sociais e individuais, assim como recupera a pessoa na condição de sujeito nos processos de saúde e doença” (Idem, 2012, p. 140). Prosseguem sua reflexão apontando que é urgente “romper com as concepções naturalizadas e a-históricas de saúde para que se possa efetivamente compreender a complexa organização desse processo em termos subjetivos, pois as visões reducionistas tendem a definir práticas que muitas vezes não correspondem às necessidades de

diferentes grupos” (Mori; González Rey, 2012, p. 141), aqui podendo ser citado os povos originários, que tem uma forma diametralmente oposta dos não indígenas de viver e compreender o mundo, bem como relacionar-se com o adoecimento e processo de cura, fugindo dos “discursos normalizadores que sustentam a forma de atuação dos diferentes profissionais de saúde” pontuando ser necessário refletir “sobre a saúde e a doença como experiência pública e privada” (Idem, 2012, p. 141), plurideterminada, diversa, singularizada pelas culturas que a permeiam e compõem visões de mundo diferentes que não podem ser desconsideradas, mas, em sentido contrário, deveriam ser conectadas para compor melhorias nos tratamentos em uso.

Indicam os autores (2012, p. 150) que o “posicionamento da pessoa como sujeito no processo de adoecimento está relacionado não apenas com a organização de seus processos na subjetividade individual, mas também com os aspectos da subjetividade social”, sob compreensão de que “todo processo individual se configura por meio de discursos, representações sociais e outras práticas da sociedade”, com a subjetividade, nessa perspectiva, sendo “sempre uma produção, tanto de indivíduos como de espaços sociais, possível somente pelas práticas sociais mediadas por uma cultura”.

Aqui fica destacada a visão dos indígenas de respeito e valorização de suas culturas, onde a ancestralidade é base de todos os processos de organização social, política e cultural, revelando-se o fato de que “os sentidos e significados organizados na subjetividade social têm desdobramentos importantes nos processos de subjetivação das pessoas, sobretudo no que se refere à saúde e doença” motivo pelo qual a subjetividade social devem ser considerada sempre na organização dos processos de saúde, pois a forma de organização da sociedade onde se vive, reflete direta e indiretamente na “qualidade de vida e nas produções de sentido e significado que recursivamente se integram na organização da subjetividade social”.

Assim, argumentam, que “a visibilidade de aspectos da subjetividade social é importante para que se supere a normalização das noções de saúde e doença, pois incorpora elementos culturais e sociais presentes nesses dois processos”, sendo que essa visibilidade depreende “compromisso social, já que integra diferentes elementos na sua definição que possibilitam ao profissional de saúde ir além de uma visão instrumentalista e objetivista da saúde e da doença” situação que exige “esforço para o diálogo, reconhecimento dos diferentes sujeitos como ativos”, (Mori, González Rey, 2012, p. 150) superando-se a visão cartesiana de saúde, sob um único prisma (eurocêntrico), para ir além, e incorporar a devida criticidade que atendimentos personalizados e com respeito às diferentes culturas depreende.

Isto considerando-se o fato de que a representação social, na perspectiva da psicologia sócio-histórica, é uma expressão da consciência e tomar consciência das necessidades dos povos originários no campo de saúde e reconhecer seus ensinamentos e práticas, validando-os cientificamente e reconhecendo sua pertinência, é ação que urge ser realizada para a descolonização de saberes que a Universidade deveria promover, cotidianamente, mas que ainda resiste a aderir e se mobilizar, para se transformar e se tornar, efetivamente, inclusiva e includente. Através das questões aqui expostas, documentamos a riqueza cultural que compõem as diversidades etnológicas e epistemológicas do Brasil, as raízes envolvidas nas relações sociais de diferentes grupos e sua particular importância para o coletivo, ressignificando o saber e seus diversos pontos de vista.

Considerações Finais

Ressaltamos aqui a importância dos aspectos multiculturais e simbólicos presentes em diferentes sociedades, suas correlações históricas e atuais. O consumo de certas substâncias no contexto indígena não costuma ocorrer de maneira não tradicional ou recreativa. Inclusive, em diversas etnias, tais plantas são consideradas sagradas, podendo estar relacionadas à cura, proteção, sonhos/visões, elevação ou limpeza espiritual. A popularização dos princípios ativos presentes em algumas das plantas e seus efeitos de alteração sensorial faz com que muitos grupos (principalmente não-indígenas) façam seu uso de maneira deliberada e sem propósito específico, sem estar inserido em um contexto cultural ou simbólico - situação que além de ser nociva à saúde pode acarretar na banalização dos saberes tradicionais e crenças indígenas.

Apesar de encontrar as pesquisas aqui mencionadas ao longo do texto, ficou perceptível a escassez de estudos referentes às medicinas sagradas dos povos indígenas, principalmente no que tange ao olhar do próprio indígena sobre suas tradições e culturas, tendo por maior parte trabalhos escritos por não-indígenas que expressam suas perspectivas sobre tais questões, considerando-se aqui urgente dar voz aos próprios indígenas para que falem de seus lugares de vida com toda a propriedade advinda não somente de seus estudos, mas de suas histórias e trajetórias de vida. A autora principal, enquanto pesquisadora e indígena, busca cada vez mais ocupar espaços de fala, onde tenha voz ativa para fazer relatos e publicar seus posicionamentos, para que as histórias dos povos originários sejam, finalmente, contadas em primeira pessoa. Concorde aos pressupostos da psicologia histórico-cultural, entendemos que a relação saúde e doença engloba o individual e o social, o público e o privado e engloba, da mesma forma, o

emocional, o espiritual e as relações dos seres humanos com seu tempo e espaço, marcadamente, na visão dos indígenas, demarcando a intrínseca e indissociável relação homem-natureza.

Finalizamos este texto, com uma citação de Altaci Corrêa Rubim e Tataiya Kokama (Resumo SBPC, 2023, s/p) onde as autoras ressaltam que a visão dos povos originários “possui vida, saberes, concepções de mundo que desafiam o entendimento da ciência e dos conhecimentos ocidentais”, isto porque se configuram como “uma união, é uma existência, é uma afirmação que nos leva a pensar em uma nova realidade epistêmica”, mas “por não ser visível, obriga-nos a novas formas de compreensão, porque “o espírito” não se vê, todavia está sempre presente nos rituais, nos cantos, nas aves, nos animais, nos rios, nas matas, nos saberes tradicionais e na cosmovisão dos povos indígenas”, assim, “em cada cura, em cada ensinamento, estão presentes os espíritos”.

As autoras denunciam que as epistemologias e ontologias indígenas, baseadas numa cosmovisão que une e integra a vida de maneira múltipla, está cada dia mais difícil de ser transmitida de forma intergeracional, a vida real e “todos os povos são impactados com a globalização, que busca homogeneizar as culturas”, situação que depreende a salvaguarda dos costumes, aqui as autoras ressaltando a importância das línguas indígenas, mas podendo-se incluir neste rol de necessidades a urgência em se reconhecer e operar de forma a incorporar os conhecimentos indígenas em todos os campos, inclusive o da saúde (RUBIM, KOKAMA, Resumo SBPC, 2023, s/p).

Referências

RUBIM, Altaci Corrêa. Anais da 75 Reunião Anual SBPC, Curitiba, 2023. (texto disponibilizado no evento, lido, não publicado)

JACINTHO, Eloy. Nhandereko: o modo de vida que deve mudar a Floresta Estadual Metropolitana em Piraquara. Brasil de fato, escrito por Cora Carvalho. Curitiba, 2021. Disponível em: <<https://acesse.dev/ZbjOp>>;

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras. 2017.

MENESES, Guilherme Pinho. Medicinas da floresta: conexões e conflitos cosmo-ontológicos. Horizontes antropológicos. v. 24 - Scielo, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832018000200009>>;

FARIA, Bruno. Uma revisão etnobotânica sobre o rapé usado por povos indígenas do Brasil. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/175134>>;

MORI, V. D.; GONZÁLEZ REY, F. A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária. Valéria Deusdará Mori; Fernando González Rey. Psicologia: teoria e prática, v. 14, n. 3, p. 140-152, 2012.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas - Tomo II: Pensamiento y Lenguaje. Madrid: Visor, 1993.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas - Tomo III: Problemas del desarrollo de la psique. Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas - Tomo V: Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997.